

A AÇÃO COMO PRINCÍPIO COMPREENSIVO*

Mateus Yuri Passos
Raúl Hernando Osorio Vargas

DUAS FACES DA COMPREENSÃO

No seio das discussões em torno da ideia de compreensão e especificamente daquilo a que chamamos de compreensão como método no âmbito do projeto e grupo de pesquisa que levam esse mesmo nome,¹ em uma parceria com o grupo de pesquisa “Comunicación, periodismo y sociedad” da Facultad de Comunicaciones da Universidad de Antioquia a partir de um convênio de cooperação interinstitucional, fazemos comumente uma distinção entre

* Texto publicado originalmente na revista colombiana *Folios*, da Faculdade de Comunicações da Universidade de Antioquia, n. 40, p. 09-27, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/folios/issue/view/3462/showToc>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

¹ Liderado por Dimas A. Künsch e Mateus Yuri Passos, o grupo de pesquisa “Da compreensão como método” desenvolve suas atividades na Universidade Metodista de São Paulo (São Bernardo do Campo, Brasil) e integra o Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pode ser acessado em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0293936619266071>>. Informações, notícias e produções do grupo de pesquisa estão disponíveis em: <<http://www.dacompreensao.com.br>>.

duas faces da compreensão: aquela de aspecto epistemológico e a de caráter intersubjetivo (Künsch, Menezes e Passos, 2017), elegendo a primeira como o ponto focal de nossas atividades de pesquisa, que teria dentre seus braços ainda a dimensão intersubjetiva como uma espécie de produto ou consequência de uma episteme de natureza compreensiva – uma aparente contradição tipicamente compreensiva, na qual os dualismos são subvertidos, os opostos, unidos e postos em diálogo.

Foi justamente a essa epistemologia compreensiva que se dedicou o livro *Pensar com o signo da compreensão* (Ed. Metodista, 2019), no qual foram reunidos treze ensaios em que se buscava encontrar novas potencialidades para o pensamento da compreensão a partir de autores e formas de conhecimento já consolidados entre os pesquisadores do projeto e das boas-vindas a tantas outras formas de conhecimento e autores trabalhados por nossos dialogantes – no sentido de propor maneiras de se estabelecer um diálogo em pé de igualdade entre abordagens e linhas teóricas que tendem a se estranhar, ou pouco se conversam; entre diferentes disciplinas e epistemes, e por fim entre diferentes formas de construção de conhecimento, como as ciências, as artes, as religiões, os mitos, dentre tantas outras.

Desta vez, apresentamos um segundo binômio, uma segunda distinção: o *pensar* compreensivo e o *agir* compreensivo. Ambos são entendidos como contínuas buscas, edificações que nunca chegam a um estado acabado porque sempre há reformas, construções de novos andares e alas – justamente porque trabalhamos sob o princípio de que a resposta é a morte da pergunta, defendemos a noção de que a compreensão é antes de tudo um gesto, um processo, e se tornaria algo estéril e morto se em algum momento atingisse um estado de conclusão, com a eleição de axiomas e de princípios pétreos, com a identificação de uma *verdade* que não se entenda como algo aproximativo e provisório.

Dáí a importância de se refletir e repensar *continuamente* o pensamento e a ação de natureza compreensiva, de encontrar no-

vas nuances, de rever posições, de encontrar novos referenciais, pontos de vista, formas de enunciação e de atuação, de se planejar caminhos e rotas de modo a estar aberto ao imprevisto, aos atalhos e desvios, a mudanças de rumo.

Como bom gesto compreensivo, esses dois polos – *pensar* e *agir* – não devem ser entendidos como um dualismo, uma oposição, pois cada um está contido dentro do outro: a construção de um pensamento compreensivo deve observar e levar em consideração as práticas de compreensão e, do mesmo modo, a identificação ou proposição de potencialidades ou práticas efetivas de ação que se possam entender como compreensivas requer a reflexão e a contínua busca por noções de compreensão. São, assim como as duas faces de Jano, aspectos distintos e complementares de um mesmo ser integral.

COMPREENSÃO E AÇÃO

Podemos tomar como exemplo o próprio setor de atuação em que surge a proposta de compreensão como método – a pesquisa acadêmica, a qual se buscava repensar e oxigenar a partir da perspectiva da conjunção dos saberes interdisciplinares, transdisciplinares, indisciplinados: o gesto do diálogo epistemológico integrador não se esgota em si, mas requer que se pense abordagens metodológicas diferenciadas, novas formas de se fazer pesquisa nas quais esse gesto e esses pressupostos polifônicos se mantêm presentes.

Os primeiros três Seminários Brasil-Colômbia de Estudos e Práticas de Compreensão, realizados em parceria pelos dois grupos de pesquisa constituintes do projeto entre 2015 e 2017, já buscavam desde o nome do evento integrar o binômio da teoria e da prática compreensiva, do pensar e do agir. Isso se fez não apenas por meio de trabalhos acadêmicos que analisavam práticas identificadas como gestos compreensivos – narrativas comunicacionais, terapêuticas, de serviço social etc. –, mas também por meio de depoimentos, palestras e rodas de conversa com pessoas

que em vez de lançarem um olhar acadêmico sobre suas práticas as apresentavam e discutiam a partir de seus próprios códigos e valores, de seus próprios saberes, a fim de percebê-las como compreensivas, para então dialogar com a academia.

Um gesto semelhante era realizado pelo “Grupo de Estudo dos Gêneros do Discurso” (Gege) da Universidade Federal de São Carlos, no estado de São Paulo, ao criar em 2008, sob o título de Círculo – Rodas de Conversa Bakhtiniana, um modelo de evento acadêmico que tinha como ponto central o diálogo, ao organizar seus participantes em rodas nas quais especialistas na obra de Mikhail Bakhtin, pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação e educadores do ensino fundamental e médio discutiam de forma horizontalizada a partir de núcleos temáticos comuns, numa dinâmica que, ao sabor do momento, centrava-se tanto sobre o pensamento do filósofo russo como sobre a vivência em sala de aula ou questões estéticas e de discurso nos meios de comunicação e nas artes narrativas.

Em ambos os casos, o gesto de se propor e implementar certos espaços e dinâmicas, embora ainda dentro do ambiente acadêmico, já pode ser observado como uma ação efetiva, visando a um efeito de caráter compreensivo.

Essa percepção encontra algum eco numa obra dos primeiros anos de trabalho de Mikhail Bakhtin (2012), em que ele trata da ação ética e da integração do mundo da vida – a prática, o agir – e o mundo da cultura – a teoria, o pensar, assim como da integração – compreensão – entre o individual e o coletivo a partir da percepção de que cada sujeito singulariza o pensamento e as práticas de seu tempo, curva-os de acordo com um juízo que emerge em diálogo com as coletividades a seu redor e diante delas se responsabiliza: o agir de um sujeito envolve comprometimento e responsividade frente ao pensar e agir dos outros sujeitos, interagindo e dialogicamente transformando um ao outro.

A ação, desse modo, é percebida como *princípio da compreensão como método* a partir do momento em que temos clara

a necessidade de, a partir das percepções compreensivas, intervir ativamente no mundo da vida; a necessidade de que o tecimento de um pensamento compreensivo se reflita no tecimento de ações compreensivas, de uma vida compreensiva, de um mundo compreensivo.

Isso não significa que haja uma rejeição ou subestimação das teorias ou a exigência pragmatista de uma “finalidade prática” mais determinada e enclausurada em termos de significado para toda reflexão teórica, mas sim, como já dissemos, a percepção de que o pensar e o agir são aspectos que integram um mesmo todo, e que a análise, proposição e implementação de ações percebidas como compreensivas possui importância equivalente à dos gestos compreensivos de caráter epistemológico, que os dois aspectos se alimentam e nutrem um ao outro.

OLHARES RUMO AO AGIR COM O SIGNO DA COMPREENSÃO

Em direção a essa busca pela ação compreensiva reunimos aqui dezenove olhares a partir de ou em direção a possibilidades de ação compreensiva em diferentes meios, como a pesquisa acadêmica, o jornalismo e a comunicação social numa perspectiva mais ampla, a narrativa de ficção e não-ficção, a música, o cinema pornô, a psiquiatria, a religião:

Narrativas de vida: pesquisa, formação e transformação social

Adriana Barroso de Azevedo

O ensaio apresenta a pesquisa narrativa e seus fundamentos epistemológicos como proposta alternativa para o trabalho do pesquisador no campo da educação, em diálogo com os principais autores que fundamentam os estudos autobiográficos e narrativos. A intenção é proporcionar melhor compreensão dessa perspectiva tanto na pesquisa quanto na docência, uma vez que a abordagem narrativa assume esse duplo caráter, investigativo e formativo. A autora parte da noção de experiência em Larrosa e Heidegger, buscando apoio nos princípios teóricos da abordagem biográfica e, fundamentalmente, na pesquisa narrativa de Connelly e Clandinin. O texto contribui para dar maior visibilidade ao debate que envolve as duas

funções do método biográfico e da pesquisa narrativa, a investigação e a formação. Os estudos de narrativa compõem um capítulo importante das pesquisas sobre a compreensão como método, o tema mais amplo à luz do qual se abriga a conversa conduzida neste ensaio.

Linguagem do exílio e compreensão: as experiências de Dolfi Trost e Xul Solar

Alcebiades Diniz Miguel

Para além da noção mais comum de exílio físico, material, o autor discute um tipo de exílio abstrato, mental ou espiritual em que a ideia de desterro começa a se formar pela opção de linguagem, pela construção poética e narrativa em oposição à coletividade da qual o exilado, nesses termos culturais, voluntariamente se aliena. Levando em conta essa forma de desterro que se localiza no próprio princípio de compreensão da realidade e de seus desdobramentos, o autor realiza uma breve genealogia das estratégias empregadas por autores como o argentino Xul Solar e o romeno Dolfi Trost para observar as múltiplas possibilidades de afastamento e reencontro da linguagem no âmbito de criações estéticas desterradas, subversivas e que se colocam deliberadamente no limite daquilo que é possível conhecer – dialogando assim com as potencialidades abrangentes da perspectiva epistemológica compreensiva.

O diálogo de abordagens para uma melhor compreensão investigativa

Alexandre Cappellozza

A existência de múltiplos paradigmas de pesquisa, determinados por técnicas quantitativas e qualitativas de análise, faz com que muitos pesquisadores assumam suas preferências metodológicas de forma dicotômica. No entanto, o fato de haver diferenças nessas técnicas não impede a existência de um diálogo harmonioso entre as abordagens. Assim, o método misto, de que trata este ensaio, surge como uma possibilidade que une diferentes perspectivas de análise. No texto, apresentam-se conceitos introdutórios, aplicações e obstáculos do método. Conclui-se que a adoção de uma postura dicotômica, associada a preferências metodológicas, não se constitui como única opção. O método misto representa uma saída possível para o problema, bem como uma ferramenta de compreensão para o estudo de fenômenos comunicacionais.

A compreensão rebelde de Nise da Silveira: uma mulher à frente do seu tempo

Ana Cristina Vidal de Castro Ortiz (Titi Vidal)

Pedro Henrique Falco Ortiz

A médica psiquiatra brasileira Nise da Silveira chamava a si mesma “psiquiatra rebelde” por percorrer caminhos diferentes e desafiadores em sua trajetória pessoal e profissional. Considerada uma das precursoras da humanização nas terapias com pacientes diagnosticados com distúrbios mentais e psicossociais, como a esquizofrenia, foi uma mulher corajosa, desafiou colegas e o sistema estabelecido por não aceitar tratamentos violentos e desumanizantes como os que eram realizados nos hospitais psiquiátricos no Brasil. Criou o Museu de Imagens do Inconsciente, foi pioneira na arteterapia e terapia assistida por animais no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro.

A expressão das identidades socioculturais do imigrante nas celebrações das origens

Camila Escudero

O presente ensaio tem como tema central as festividades de imigrantes como práticas e como mediações socioculturais. Perguntamos sobre a intencionalidade do sujeito imigrante ao investir nessas manifestações artísticas, folclóricas e culturais e também sobre os espaços que elas podem ocupar. Como as identidades podem ser elaboradas e materializadas em discursos entendidos como práticas sociais? E, ainda, como se dá tudo isso em um contexto de globalização, marcado pela aceleração dos fluxos de mobilidade humana e pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs)? Na linha da compreensão como método, esperamos exercitar um pensamento capaz de dialogar com a realidade desses imigrantes, evidenciando níveis e heterogeneidades e recusando a ideia de causa e consequência redutoras, unidimensionais e ofuscantes de uma simplificação que se considera reflexo da realidade.

A reportagem jornalística e a compreensão como método: um estudo da série “Um mundo de muros”, da Folha de S.Paulo

Carolina Moura Klautau

Dimas A. Künsch

Renata Carraro

Série de sete reportagens multimídia publicada pela *Folha de S.Paulo*, “Um Mundo de Muros” é objeto de estudo dos autores neste ensaio, que reafir-

ma o lugar de prestígio da reportagem no âmbito do jornalismo interpretativo e de um pensamento teórico e epistemologicamente fundamentado na ideia de compreensão, no sentido primordialmente de abraçar, integrar, incluir, contextualizar, de olhar os fatos e situações da atualidade em sua complexidade. Elementos da própria teoria da reportagem servem de auxílio na tarefa de mostrar, mais que demonstrar, as virtualidades desse gênero jornalístico, ontem como hoje, que podem ser potencializadas com os recursos gerados pelas tecnologias digitais.

A opacidade do sofrimento humano decorrente de desastres sob a perspectiva do jornalismo humanitário

Cilene Victor

O Jornalismo Humanitário começa a erguer os seus primeiros alicerces no contexto da maior crise humanitária desde o final da Segunda Guerra Mundial. São milhões de vítimas da fome, dos conflitos armados, das guerras civis, da violência generalizada, dos desastres e das mudanças climáticas. Embora o sofrimento humano tenha acometido milhões de pessoas em várias partes do mundo, agências humanitárias denunciam que esse sofrimento tem sido em silêncio, resultado da omissão e da indiferença dos meios de comunicação. Este ensaio, parcialmente escrito na primeira pessoa do singular, adota os preceitos e caminhos da compreensão para contar como vamos construir um jornalismo capaz de reduzir o sofrimento humano e, sobretudo, impedir que ele se dê em silêncio e na opacidade, marcado pelo “véu do esquecimento” e pela “rotina da normalidade”.

La comunicación en las organizaciones desde el enfoque psicológico: análisis de los estudios publicados en revistas académicas hispanoamericanas

David Hernández García

Angie Catherine Rojas Ariza

Neste capítulo, David Hernández García e Angie Catherine Rojas Ariza realizam um levantamento da produção acadêmica sobre comunicação organizacional nas revistas acadêmicas hispanoamericanas no amplo campo das Humanidades, buscando observar os aspectos que realizem uma interseção com os estudos de comportamentos e das subjetividades. Assim, realizam uma compreensiva aproximação entre as áreas da Comunicação e da Psicologia, observando as férteis contribuições que podem oferecer uma à outra, neste caso especificamente observando aspectos organizacionais

como a autonomia dos sujeitos, relações com grupos de interesses, adaptações a mudanças e reputação.

La web como cerebro colectivo transdisciplinar

Heiner Castañeda Bustamante

Neste capítulo, o autor propõe uma reflexão a partir do conceito de pensamento complexo proposto por Edgar Morin, à luz da transdisciplinaridade e no âmbito do universo da web, no qual os conhecimentos se cruzam, complementam, contrastam, insubordinam e resultam no surgimento de um cérebro coletivo representado na participação de usuários da Internet feitos de bytes. O método de entendimento se manifesta através do diálogo dos sujeitos lexicais evidenciando uma alteridade do conhecimento, expressa a partir da cosmogonia dos seres humanos que estão por trás das mensagens abrigadas na via virtual da informação. Assim, percebe o ambiente web como ecossistema fundamentalmente compreensivo, facilitador da promoção do diálogo e complementaridade entre saberes.

La auto-etnografía y el método biográfico como mediaciones de la comprensión: indagaciones en primera persona

Jeyson Alejandro Muñoz Cano

A objetividade no jornalismo e a reflexividade na antropologia demarcam territórios abordados a partir da etnografia e reportagem. Em um, busca-se uma contenção para não alterar a essência da história; em outro, pretende-se possuir a “poção mágica” para entender o lugar que ocupamos e a que somos designados nos contextos investigados. De um lado ou de outro, o que permanece em evidência é como a carga pessoal, esse filtro catalisador de primeira pessoa, que permeia a pesquisa que realizamos. Nesse sentido, o capítulo de Jeyson Muñoz fragmenta uma experiência de pesquisa que, teórica e metodologicamente, é reconfigurada em tempo real, com base na auto-etnografia e no método biográfico como referência norteadora de determinados processos de pesquisa nas ciências sociais, configurando-se assim como esforço compreensivo de conjugação de subjetividade ao empreendimento de pesquisa.

Ciudad, comprensión y pensamiento complejo

Luz Dory González Rodríguez

A cidade, enquanto espaço sociocultural, emerge e consolida-se a partir da intervenção e transformação por parte das pessoas que a habitam e que

por múltiplos fatores se estabelecem para observá-la, vivê-la, intervir nela e transformá-la. Em sua metamorfose emergem várias cidades que compõem um todo, e desse todo emerge um mapa que, lido da perspectiva do pensamento complexo, envolve um mundo caótico, interconectado, multidiverso e em mudança. Nessa ordem de ideias, a abordagem da questão da cidade, para este caso em particular, integra o homem à sua realidade com caos, chance, incerteza e compreensão. A contribuição de Luz Dory González para este livro explora essa noção de cidade e faz um *tour* principalmente pelos múltiplos fatores envolvidos em seu processo de formação (aparência, consolidação, outras cidades da cidade, intersubjetividades, transculturação, tensões, planejamento urbano), bem como as relações estabelecidas e o imaginário subjacente.

La radio y la comprensión cultural: conocer las músicas andinas de la contemporaneidad

Marcos Fidel Vega Seña

Neste capítulo, o autor discute como a rádio colombiana veicula a música da região andina e como esse problema afetou o nível de compreensão e aceitação desse aspecto da própria cultura colombiana pelos ouvintes. Assim, analisa o papel do rádio na divulgação da música andina colombiana, adotando uma metodologia abrangente a partir da interpretação de questionários feitos à população universitária, iluminado por autores que trabalham no entendimento da cultura e da dinâmica da comunicação, como Paul Ricoeur, Hannah Arendt, Jesús Martín Barbero, Zygmunt Bauman, Peter Wade, Carlos Miñana e Orlando Mora Patiño.

O mito tradicional do herói e a integração de luzes e sombras no herói compreensivo

Rafael Gonçalves Teixeira

Angela Miguel Correa

A trajetória do herói como proposta por Joseph Campbell e a figura do anti-herói como descrita por Christopher Vogler recebem neste ensaio a adição da experiência do cotidiano em Agnes Heller, resultando em um novo tipo de herói, a que damos o título de compreensivo. Diferentemente do anti-herói, o herói compreensivo não dialoga apenas com seu lado sombrio, mas mergulha em uma experiência cotidiana legítima, ampliando a noção de empatia com o público e sua humanidade. Na base da noção de herói compreensivo encontram-se as ideias de incerteza (Edgar Morin), comple-

mentaridade dos opostos (Carolina Klautau) e imaginário (Gilbert Durand). A integração de luz, sombra e cotidiano ajuda a compor uma nova ideia de herói na contemporaneidade.

Sexo en la pantalla, sexo en las butacas: una inmersión-comprensión en las penumbras de las salas X

Ramón Pineda

No crepúsculo dos cinemas pornô, os homens passam por várias práticas sexuais que afetam as relações de poder que as normas da masculinidade hegemônica exercem sobre o corpo. A empreitada de identificar essas práticas e trânsitos exigiu de Ramón Piñeda uma imersão prolongada e paciente. Seu capítulo aborda como um jornalista criou sinergias entre as técnicas investigativas do repórter e as do cientista social para entender o fenômeno que ocorre ali. Por um ano, ele foi mais um ator, desempenhou um papel nesse cenário sombrio, identificou protocolos, constantes e conversou em profundidade com oito protagonistas do filme pornô da vida real que acontece diariamente de frente para o outro que transcorre na tela, a ficção hiperbólica criada pela indústria de entretenimento adulto.

A quadra também é delas: a prática do basquete como forma de compreensão da cidadania das mulheres

Samantha Maia Araujo

Neste capítulo, a autora contempla a compreensão em sua dimensão epistemológica para estudar o esporte como estratégia de leitura do fenômeno social da conquista de cidadania pelas mulheres. Samantha Maia traz a experiência do grupo de basquete amador feminino Magic Minas na cidade de São Paulo e aborda como o encontro atípico de mulheres para praticar o esporte coletivo tem levantado novas questões sobre a presença feminina em áreas públicas, como segurança, recursos e o direito de elas ocuparem espaços antes restritos aos homens – repensando assim a dinâmica das urbanidades e dos privilégios de gênero.

Era móvil: espacios-tiempos en contextos escolares: los mundos de vida de las infancias

Sara Carmona Botero

As tecnologias da informação e comunicação não apenas constituem ferramentas para o uso aplicado ou o exercício de uma determinada tarefa, mas também se tornaram uma parte constitutiva da sociedade atual. Desse

modo, a autora propõe neste capítulo que as tecnologias devem ser entendidas como extensões não apenas físicas, mas também do pensamento e da interação humana, para que sejam articuladas às dinâmicas sociais, econômicas, políticas, científicas, culturais e educacionais da sociedade. Os modos de pensar, de construir e habitar o mundo têm sido permeados por dispositivos e ambientes digitais e, nesse sentido, Sara Carmona afirma que é necessário refletir sobre os usos e as relações que são tecidas com a sociedade, de forma complexa que se recusa a pensar demonizações e determinismos.

Relatos dibujados: investigación biográfico-narrativa

Selen Catalina Arango Rodríguez

Também envolvida com as potencialidades e contribuições do segmento da pesquisa narrativa, Selen Catalina Arango analisa neste capítulo a redação do texto final de uma investigação biográfico-narrativa, compreendendo-a como um ato empático que requer o encontro entre a biografia dos pesquisadores e as histórias desenvolvidas ou compiladas durante o processo de pesquisa, retomando contribuições teóricas de Gadamer, Grondin, Arfouch e Delory-Momberger. Esse processo é explicado a partir de perguntas e reflexões formuladas sob a leitura do conto *Cicatrices*, de Marcelo Birmajer. O encontro entre sujeitos é descrito no texto como o ato de desenhar na face, na própria formação.

Agir jornalístico em cenários de crise humanitária: narrativas compreensivas orientadas para a paz

Tayane Abib

Para além do modelo noticioso hegemônico, este estudo se dedica a pensar caminhos narrativos para a cobertura jornalística em cenários de crise humanitária. Propõe, assim, aproximar os campos de estudo da compreensão e da comunicação para a construção de uma cultura de paz, de modo a sublinhar possibilidades de uma prática de reportagem dialógica e sensível aos contextos de homens e mulheres implicados em tais realidades. Buscando elucidar a reflexão, atenta-se às narrativas do jornalista português Paulo Moura e do espanhol Bru Rovira para identificar, em seus registros sobre o continente africano, essa dinâmica de atuação.

O futebol e o espírito do tempo: narrativas midiáticas sobre a seleção brasileira e a cultura empreendedora

Vander Casaqui

Este ensaio se ocupa com as narrativas midiáticas que articulam a imagem

da seleção brasileira de futebol, participante da Copa do Mundo de 2018, com os preceitos e prescrições da cultura empreendedora. Nesse sentido, a seleção é tida como alegoria da nação em certo momento histórico, principalmente no momento em que se realiza a Copa do Mundo, a cada quatro anos. O quadro teórico se baseia nas teses sobre o novo espírito do capitalismo de Boltanski e Chiapello. O autor discute o futebol como objeto e como forma de compreender o Brasil; também trata dos elementos narrativos que constroem a seleção brasileira na cena midiática. Um e outro propósitos inserem o texto no conjunto das preocupações do grupo de pesquisa “Da compreensão como método”.

Esse conjunto aqui reunido se configura como uma amostra da diversidade e das potencialidades das práticas de ordem compreensiva – tanto aquelas que conscientemente partem de pressupostos, pensamentos e posturas da compreensão como método como as que por outros caminhos do pensamento, ou mesmo intuitivamente, agem de forma afim às perspectivas compreensivas. O principal potencial, afinal, é justamente a diversidade de setores em que se pode atuar compreensivamente – é até mesmo difícil imaginar setores em que isso seja impossível; como apontamos num trabalho anterior, mesmo o setor judicial, por meio das práticas de mediação, pode se tornar um ambiente em que a perspectiva compreensiva se faz presente e ativa (Künsch, Passos e Carraro, 2017).

É importante, por fim, assinalar que a noção do agir sob o signo da compreensão completa um ciclo importante para a episteme da compreensão como método: no plano teórico-epistemológico, como indicado anteriormente e em outras produções, há a postura de unir, juntar, abraçar saberes, que se dá principalmente num ambiente acadêmico, fomentada pelos grupos de pesquisa “Da compreensão como método” (Umesp) e “Comunicación, periodismo y sociedad” (UdeA).

Sabemos, é claro, que seria demasiado incompreensivo de nossa parte considerar suficiente a promoção do diálogo entre os diversos saberes ainda sob a égide da academia e da ciência – a

finalidade desse gesto seguiria numa direção científicista – e, desse modo, torna-se vital identificar, promover e fomentar iniciativas de ação compreensiva em que o pensamento torne-se concreto e se reverta em algum tipo de progresso social: nesse sentido, a atuação dos mais diversos sujeitos – pesquisadores, educadores, terapeutas, repórteres, artistas, sacerdotes, dentre tantos outros – mostra-se igualmente importante na promoção da cidadania e da construção de uma sociedade que não apenas tolere, mas compreenda e abrace o plural.